

## **ALEXANDRE CARRIERI: HISTÓRIA(S) SOBRE BORDAS, ENCONTROS E DESENCONTROS**

**Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães<sup>1</sup>**

Quero dizer, inicialmente, que nunca fui orientanda do Carrieri. Nem na graduação. Nem no mestrado. Nem no doutorado. Nunca participei do NEOS. Então, meu relato é sobre as bordas, sobre encontros e desencontros.

Minha trajetória acadêmica é toda na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Desde 1999. O famoso ciclo básico da graduação aconteceu na Pampulha. A partir do segundo semestre, as aulas eram no o centro da cidade de Belo Horizonte, na rua Curitiba em um prédio de 13 andares. Na época, eu tinha uma ideia de graduação e educação totalmente diferente do que eu tenho hoje. Recém saída da adolescência, uma mistura de sonhos e inexperiência, eu acreditava (e muitos colegas de curso também) que a formação em administração iria possibilitar ter uma carreira de destaque internacional. Era isso que estava escrito no livrinho de profissões vendidos em bancas de jornais e que a gente comprava quando não se sabia muito bem o que se queria fazer da vida. Na graduação, os processos trainees oferecidos para os formandos no final do curso se apresentavam como portas de entrada para o

---

<sup>1</sup> Doutora em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professora EBTT do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/4199368575128934>. <https://orcid.org/0000-0001-5741-0279>. [ludmilavmg@gmail.com](mailto:ludmilavmg@gmail.com). Endereço para correspondência: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. Av. Amazonas, Nova Gameleira, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30510-000. Telefone: (55 31) 33196867.



mercado de trabalho. Eu achava que cumpria com todos requisitos e além: eu estava em uma das melhores universidades do país.

Sobre a formação na FACE: quando entrei na graduação, em 1998, pelo que me lembro, ainda não tinham as famosas Teorias Gerais da Administração que nos convocava para uma formação mais reflexiva ou crítica. Quando Carrieri entrou como professor efetivo da FACE em 2002, eu já estava quase formando. Apesar de estar na UFMG vivíamos numa bolha bem distante do Campus Universitário. Na época, ainda deu tempo para cursar uma disciplina optativa com Carrieri sobre simbolismo nas organizações...Fico pensando o quanto eu achei no mínimo esquisita aquela disciplina já que só tive aulas com professores que me apresentavam um lado da gestão e de se fazer ciência.

E fui desse jeito apanhar no mercado de trabalho.

Apanhei na empresa familiar.

Apanhei nas multinacionais.

Vivenciei o que ninguém me falou em sala de aula. Apreendi sobre violência, poder, machismo, assédio, gênero, exploração e desigualdade. Eram parte dos tópicos das TGAs atuais na vida real. Infelizmente, não me lembro de espaços para se discutir e tencionar esses pontos com a teoria.

Depois de um tempo, retornei à FACE para uma pós graduação. Dois motivos me levaram a voltar: 1) eu sentia que meus trabalhos me emburreciam e 2) para permanecer no mercado era necessário se atualizar para não ser descartado. A questão é... A pós-graduação da FACE ainda reproduzia o mesmo pensamento da graduação. Eu ainda eu não sabia outras possibilidades de se pensar a administração.

Aí, entrei no mestrado. Reencontrei alguns professores da minha graduação e da pós. Mas encontrei novos professores. Olhares diversos. Outras abordagens. Encontrei a possibilidade de ler o mundo diferente. Mas o que eu mais quero dizer aqui que, tanto quanto a maternidade, o mestrado mudou minha vida. Mudou

minha forma de ver o mundo. Mudou minha forma de ser e estar no mundo. Tanto os professores quanto os colegas de 2007 foram grandes responsáveis por isso. Colegas esses que se tornaram professores nas universidades mais importantes do país e que continuam fazendo a diferença na vida dos alunos.

O mestrado começou com o “pé na porta”. Já no primeiro semestre, tivemos aula com a professora Ana Paula Paes com a disciplina Teoria das Organizações. Daí para frente foram oferecidas outras várias que nos convocavam a pensar a vida e as organizações de uma outra forma. Dos amigos que conheci no mestrado, muitos eram orientandos do Carrieri. O NEOS já era o grupo que agregava professores e alunos que tinham a dimensão da crítica. Apesar de não fazer parte, eu já flertava com ela... Na bolha da rua Curitiba, as turmas de mestrado e doutorado dividiam salas de um aperto físico (e psíquico rsrs). Buscávamos transformar esses espaços em lugares para a troca de textos, atividades e angústias. Virávamos a noite para tentar cumprir com as leituras das disciplinas.

Não me lembro porque, mas foi nesse tempo que entrei no gabinete do Carrieri. Ficava em um dos últimos andares do prédio da rua Curitiba. Acho que eu devia estava acompanhando um dos colegas e me lembro bem das pilhas de livros no chão porque não cabiam mais nas prateleiras. Lembro-me de cores e pequenas obras de artesanato. Eu ainda não tinha tido aula com Carrieri, mas posso dizer que ele era uma figura marcante na vida dos alunos. Uma figura marcante e diferente dos outros professores de camisa de botão que circulavam pela administração. Pudera, não é? A pessoa faz graduação em Zootecnia, passa pelo mestrado na UFLA discutindo racionalidade administrativa e finalmente entra no doutorado com Suzana Braga para discutir cultura. Se hoje em dia ainda está totalmente fora do *mainstream*... Naquela época devia ser pura resistência. E eu ouvia pelos corredores que o que ele fazia não era administração. Nesse primeiro ano de mestrado, ele teve um papel muito importante na proposta de reestruturação do programa e das áreas. Diferente da maioria dos outros professores, ele dialogava com os alunos e nos convocava para participar do processo. Para ele, alunos tinham representatividade.

Terminei o mestrado carregando algumas lembranças desse professor que se escondia debaixo de um boné, calçava Crocs e vestia Elvira Matilde. Ah... E que também se acabava de dançar nos famosos bailes do EnANPAD.

No Doutorado, quem veio nos receber foi o Carrieri com a matéria de Teoria das Organizações. Eu não havia seguido com a turma anterior e tive a oportunidade de conhecer outros colegas especiais. Como havia falado, a crítica e a psicanálise passaram a ser minhas lentes da vida. A Teoria das Organizações foi importantíssima para consolidar minha formação. Além de uma bibliografia fantástica (e interminável), dividimos discussões densas e vimos filmes que (sinceramente) só o Carrieri para passar. Não vou dizer que foi *light*... o volume de leitura era humanamente impossível de ser lido no prazo que ele queria. Dávamos nosso máximo mesmo assim. As noites eram nossas amigas. Mais que a bibliografia e as discussões, as aulas também foram um aprendizado pedagógico. Fugindo dos modelos powerpoint que conduziam as aulas clássicas que eu havia tido na vida, aprendi muito. Hoje sei o impacto desse conteúdo na minha formação.

Os quatro anos que se seguiram no doutorado permitiram que eu me aproximasse um pouco mais do Carrieri. Conversávamos e eu ria muito do seu humor bastante peculiar. Ficava admirada com a união do NEOS e o quanto o grupo era importante para a pesquisa no país. Mérito dele. Para mim, foi uma inspiração. O céu sempre foi o limite para as possibilidades de uso de metodologias não ortodoxas e de teorias para além do *mainstream*. Isso sem contar com a forma. Foi por meio das orientações dele que vi que era possível escrever em primeira pessoa caso isso fosse coerente com a abordagem teórico-metodológica da pesquisa. Carrieri sempre encorajou cada um dos seus orientandos.

Como poucos na academia, a pesquisa era literalmente do aluno. Ele sempre deu liberdade para seus orientandos tirar da alma o que eles gostariam de fazer e pesquisar. Lembro bem do rebuliço no CEPEAD quando seu orientando Leonardo Mascarenhas, em 2011, em uma pesquisa sobre trabalho e loucura, deu o seguinte

título para sua dissertação: *“Entre vagabundear por aí e embutir o insólito no café da manhã eu fico com a almoço (que eu mesmo esquentei): o que fazem estes dois pontos no meio do título?”*. Eu poderia listar aqui todos os títulos fantásticos de trabalhos que orientou e que estão no seu lattes. Mas esse, em especial, gerou muita polêmica entre os professores. Ouvi, várias vezes, que aquilo não era pesquisa e que esses trabalhos enfraquecem a administração.

Eu conheci o Carrieri pelos meus colegas. Eu aprendi uma outra forma de se fazer a academia. Aprendi outras possibilidades de se fazer ciência. Mesmo nas bordas dessa relação ele sempre esteve presente. Através de seus orientandos, de suas pesquisas, de sua forma de conduzir um grupo. Aprendi e acredito do fundo coração que só se avança na ciência quando se rompe com as convenções. E de convencional o Carrieri não tem nada. Nem na academia nem na vida vivida.

Hoje, eu sou a primeira professora externa permanente do CEPEAD da UFMG. Em 50 anos de programa nenhum outro professor sentou nessa cadeira. Este foi um convite do Carrieri e do Luiz Alex Saraiva por meio do NEOS. Em 2020, recebi o prêmio Jovem Pesquisadora, um reconhecimento da minha trajetória acadêmica na área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Devo muito a quem veio antes de mim e rompeu com as convenções. Tive bons exemplos. Minha trajetória é também um reflexo desse rompimento. Procuro todos os dias não reproduzir a dinâmica opressiva na minha prática acadêmica. Mesmo não tendo sido orientada diretamente pelo Carrieri, ele sempre esteve nas bordas da minha formação de uma forma ou de outra me inspirando. Imagino que ele mesmo não tenha a ideia desse alcance. Eu mesma ainda não tinha tido a dimensão do papel dele na minha trajetória até escrever esse texto. Por isso sou extremamente grata por tudo que ele representa: para os que foram e para os que virão.

## CONTRIBUIÇÃO

### **Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães**

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

## CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

## AGRADECIMENTOS

-

## COMO CITAR

Guimarães, Ludmila V. M. (2023). Alexandre Carrieri: história(s) sobre Bordas, encontros e desencontros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(29), 510-515.